



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.dfg@dabr.com.br

Notícias da macacada

Vou falar de vizinhos peculiares: os macacos-pregos. Não os escolhi. A convivência com animais silvestres é uma das singularidades de Brasília. Moro em um condomínio horizontal, fronteiro a uma mata cerrada. A chegada dos macacos é mágica. De repente, você ouve um barulho de mato se mexendo. Só que é um alvoroço aéreo, em cima das árvores, de galho em galho, a 10 ou 15 metros de altura. Eles formam uma turma simpática, mas bagunceira. Fazem acrobacias de deixar o

Cirque du Soleil no chinelo. Nunca vi nenhum macaco despencar do alto por um movimento em falso. E não revelam extrema destreza apenas no espaço aéreo. Certa vez, fiquei apreensivo, pois um macado teve a ideia temerária de transitar sobre uma cerca de arame farpado. Evitei gritar, permaneci estático, imóvel como a estátua do silêncio, com medo de assustá-lo e provocar um acidente. No entanto, com incrível habilidade, ele atravessou toda a extensão do fio farpado, incólume, tranquilamente, sem sequer dar uma olhadinha no lugar em que pisava. Quando os vejo em acrobacias, tenho vontade de dizer o mesmo que Rubem Braga falou a um sujeito que fazia malabarismos em uma corda suspensa em cima dos prédios, a mais de 20 metros de altura:

eu quero ver é aqui embaixo. Em uma madrugada brasileira, acordei assustado com o barulho do que me parecia um pagode ou uma pelada em cima do telhado. A zoad se dirigia para um lado e, em seguida, guinava, abruptamente, para outro. Levantei voado da cama, em dúvida se estava sonhando, na tentativa de desvendar o enigma. De repente, avistei a silhueta de um macaco no alto de uma faixa de vidro e dei uma bronca. Não foi suficiente para afugentá-los. Abri a porta da sala e joguei uma pedra nas árvores próximas, só para dispersar. No entanto, em razão, talvez, da falta de aquecimento e da rotina de exercícios físicos, torci o braço e tive de fazer terapia durante mais de um mês. E o pior é que o fisioterapeuta estava mais preocupado com

a saúde dos macacos do que com a minha: “E os macaquinhos? Cuida bem dos macaquinhos, hein?”, recomendava sempre. Nas férias, resolvi botar moral na macacada. Armei uma rede, peguei um livro para ler e fiquei de plantão. Quando se aproximavam, eu os espantava. A situação estava sob controle e ia bem. No entanto, numa tarde dia, ouvi um barulho, prestei atenção e levei um tremendo susto. Vi o que me parecia ser um macaco de duas cabeças. Todavia, observando melhor, constatei que era apenas uma mãe com o filhote nas costas. Ela me mirou com os olhos pungentes, faiscantes e interrogativos, como se perguntasse: “Não vai me deixar alimentar meu filhote?” Aquela cena minou-lhe a convicção

saneadora. Liberei a mangueira e, desde esse dia, perdi a moral com a macacada. No período das chuvas, eles quebraram oitotelhas e desarrumaram 22. As goteiras se espalharam pela casa, pingava para todos os lados. Os meus dois netos, Aurora, 8, e Judá, 4, abriram guarda-chuvas para transitar pela sala e levar baldes para recolher a água que gotejava. Mandei o senhor Hermínio subir no telhado e arrumar. Fui eu quem invadiu o território deles. Mais recentemente, tive de suprimir algumas árvores para construir um muro de divisa com vizinhos e a macacada arrefeceu a bagunça no telhado. Esses macacos já me deram muito prejuízo, mas, algumas vezes, também me ajudaram a fazer crônicas. Salvaram-me muitas vezes. Valeu, macacada!

» Entrevista | ROZANA NAVES | REITORA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

A importância de a universidade sediar o comitê que articula a criação do instituto para proteger o segundo maior bioma do Brasil e o início do semestre letivo em meio à greve dos técnico-administrativos foram temas abordados no *CB.Poder*

UnB atua em prol do Cerrado

» LAÍZA RIBEIRO*

No início do semestre letivo, a reitora da Universidade de Brasília (UnB), Rozana Naves, participou do programa CB.Poder — parceria do *Correio Braziliense* com a TV Brasília — de ontem. As jornalistas

Ana Maria Campos e Mariana Nierderauer, Rozana falou sobre as novidades para receptionar os estudantes, os avanços no projeto de criação do Instituto Nacional do Cerrado, os impactos da greve dos servidores técnico-administrativos e a importância da autonomia orçamentária das universidades.

Bruna Gaston CB/DA Press



Assista à entrevista completa:

A universidade está preparada para receber os alunos? O que tem de mudanças?

Sim, pela primeira vez, na verdade, vai ter a “Feira de Oportunidades — Vem pra UnB”, que é uma nova modalidade de receptionar os alunos. Teremos uma série de atividades que vão desde a participação dos alunos em palestras e atividades relacionadas ao próprio ingresso à universidade, além de exposições, atividades artísticas e esportivas. Do período da manhã até o início da noite, não só os calouros, mas todos os que já fazem parte da universidade e, junto do Diretório Central dos Estudantes, a gente vai estar bem movimentado nos dias 27, 28 e 29 para receptionar esses alunos.

Haverá outras atividades específicas?

Estamos com outras em paralelo, então é o mês Agosto Lilás, algumas atividades vão acontecer no RU (Restaurante Universitário), sensibilização dos estudantes para essa temática da violência contra a mulher. Então, sexta-feira à tarde, no RU, segunda pela manhã, no auditório da reitoria e, depois, um processo de formação de gestores

também nesse tema. E uma grande novidade é a criação do Instituto Nacional do Cerrado. O objetivo é aproximar a universidade nesse momento de abertura de semestre à comunidade também e, assim, incentivar novos ingressos.

Qual a relevância da criação do Instituto Nacional do Cerrado?

O Cerrado é o segundo maior bioma brasileiro e um dos mais devastados. Proteger esse bioma e os povos tradicionais que nele vivem é fundamental. Desde 2023, mais de 24 instituições de ensino se reuniram para propor ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação a criação desse instituto. A UnB está sediando o comitê que articula essa proposta, e a expectativa é de que a institucionalização seja um marco de defesa desse patrimônio.

A COP 30 pode impulsionar esse processo?

Com certeza. O Cerrado é o berço das águas nacionais e tem forte articulação com a Amazônia e outras bacias hidrográficas. O debate internacional dará visibilidade e fortalecerá o potencial político para a criação do Instituto Nacional

do Cerrado. A UnB, inclusive, organiza um pré-evento em outubro, em sintonia com o governo federal.

Como está o esforço para manter o funcionamento acadêmico durante a greve dos servidores técnicos?

Temos dialogado muito com

o segmento. A pauta é relevante, trata de uma ação que transitou em julgado no STF e impacta reajustes da carreira.

Temos feito gestões junto ao STF, AGU, MGI e Ministério da Educação para buscar uma solução viável. Os professores concluíram suas atividades e conseguimos iniciar o semestre, mas sentimos muita falta do trabalho dos servidores.

Está em discussão um projeto de lei que dá mais autonomia às universidades. Qual a importância disso?

É fundamental. Hoje ficamos reféns das leis orçamentárias anuais, que sofrem influência da arrecadação. Com mais autonomia, poderíamos planejar em médio e longo prazo. A decisão recente do STF sobre a Cide como fonte de financiamento do Fundo Nacional de Ciência e Tecnologia

também ajuda nesse sentido.

E a situação orçamentária da UnB neste ano?

Vamos fechar o ano sem cortes e com a liberação dos contingenciamentos. Isso nos dá segurança para manter o previsto, mas ainda sem possibilidade de crescimento, que é o que pleiteamos.

*Estagiária sob a supervisão de Márcia Machado

MEGA ACUMULADA

Apostar, mas com prudência

» ANA CAROLINA ALVES

A Mega-Sena voltou a acumular. O prêmio a ser sorteado, hoje, está estimado em R\$ 65 milhões. A chance para os brasileiros mudarem de vida. A aposentada Maria do Socorro, que não quis dizer a idade, é uma apostadora de longa data: “Jogo desde 1992, toda semana. Tenho os números decorados e só jogo aqueles”, explicou. Apesar da experiência, ela mantém a cautela quando a gastar nas apostas. “Separei um valor só para meus jogos, mas tem que ter controle, conheço gente que gastava o salário completo em apostas”, afirmou. Inácio Ferreira, de 72 anos, concorda. “Eu jogo há mais de 10 anos e nunca tive problema com meus gastos, porque me planejo e organizo para isso, mas um colega precisou parar, porque gastava todo o dinheiro da família apostando”, ressaltou o também aposentado.

Especialistas advertem que, mesmo diante de prêmios altos, é fundamental evitar gastos excessivos com apostas. O jogo simples de seis números da Mega-Sena custa R\$ 6, e a probabilidade de acertar as seis dezenas é de apenas uma em 50 milhões, segundo a Caixa Econômica Federal. A psicóloga clínica e neuropsicóloga especialista em equilíbrio emocional Juliana Gebrim explica que a expectativa do prêmio ativa o sistema de recompensa do cérebro, liberando dopamina, neurotransmissor ligado ao prazer e à motivação. “Mesmo sabendo que a chance é mínima, a sensação de possibilidade fala mais alto do que a lógica matemática. É isso que faz muitas pessoas continuarem jogando”, afirmou. O problema surge quando o hábito se transforma em compulsão. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), cerca de 1,2%

Fotos: Ana Carolina Alves/CB



Brasilienses sonham com a Mega acumulada em R\$ 65 milhões

da população adulta mundial sofre de transtorno de jogo, e 5,5% das mulheres e 11,9% dos homens em todo o mundo apresentam algum nível de dano associado às apostas. Os impactos vão além do indivíduo: para cada pessoa em risco, até seis outras são afetadas indiretamente, enfrentando problemas como estresse financeiro,

rompimento de relacionamentos e até violência familiar. “Alguns sinais de alerta são gastar dinheiro destinado a contas básicas, esconder o valor investido da família ou sentir ansiedade quando não aposta. O ideal é definir um limite fixo, encerrar como lazer e nunca usar dinheiro comprometido”, alertou Juliana.

Para a especialista, a rápida digitalização e a facilidade de apostar pelo celular aumentam os riscos, especialmente para jovens e pessoas em situação de vulnerabilidade social. “É importante encarar o jogo como entretenimento, e não como uma forma de ganhar dinheiro. Se houver dificuldade em controlar, buscar apoio

psicológico pode ser essencial para evitar que se transforme em compulsão”, destacou. Entre o sonho e o risco, a recomendação é clara, jogar pode ser divertido, mas precisa ter limite. O sorteio será realizado, hoje, às 20h (horário de Brasília), com apostas abertas até as 19h em lotéricas, site e aplicativo da Caixa.



Maria do Socorro se organiza financeiramente para apostar